

# Carne de bovino em Portugal: dinâmica de oferta, comércio externo e formação de preços (2019–2025)



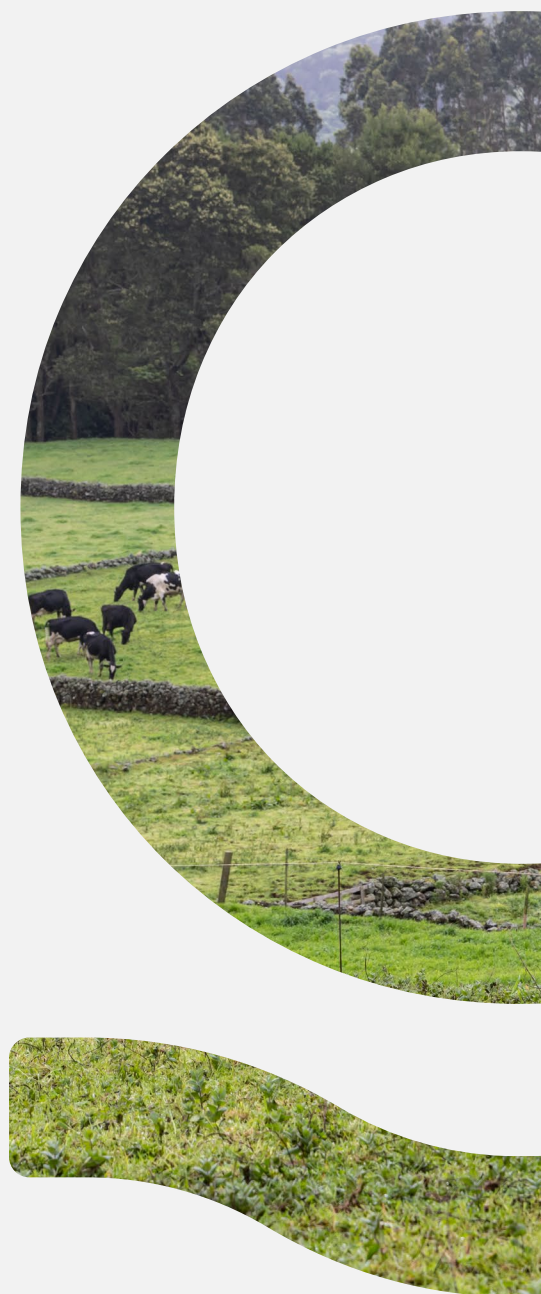
**Carlos Pedro Trindade**



**Miguel Vieira Lopes**



**Gonçalo Vale**





## Resumo

O mercado português de carne de bovino atravessou, entre 2020 e 2025, um período marcado por relevantes impactos do lado da oferta (seca severa, perturbações logísticas e inflação de fatores, COVID-19 e guerra na Ucrânia) e por uma reconfiguração do abastecimento via comércio externo. Observou-se uma contração do efetivo bovino até 2024 e uma inversão parcial em 2025, compatível com um ajustamento lento da produção, condicionado por decisões de retenção de fêmeas e pelo ciclo biológico. Em paralelo, os preços pagos ao produtor e à entrada do matadouro aceleraram a partir de 2024, situando-se claramente acima de 2025 e da média 2023–2025, com reflexo no consumidor. A estrutura do mercado evidencia défice crónico de produção (cerca de metade do consumo) e um crescimento expressivo das importações de carne desde 2020, com forte dependência de Espanha. No lado da procura, a carne de bovino apresenta maior sensibilidade ao preço e ao rendimento do que outras carnes, sugerindo que a resposta estratégica da fileira passa por ganhos de produtividade e, sobretudo, por diferenciação e segmentação para reduzir a elasticidade-preço e reforçar a competitividade face à importação.



## 1. Introdução

A carne de bovino ocupa, em Portugal, um lugar importante no consumo alimentar: é uma proteína com forte tradição em todas as regiões e com elevado valor gastronómico, mas também uma das mais pressionadas por volatilidade de custos, concorrência entre espécies e exigências crescentes em matéria ambiental e de bem-estar animal. Nos últimos anos, o setor foi confrontado com choques sucessivos: seca prolongada e escassez forrageira, disrupções associadas à pandemia, e a inflação de matérias primas energéticas e alimentares agravada pela guerra na Ucrânia. Estes fatores contribuíram para a rápida deterioração dos custos de produção e, numa primeira fase, para uma retração do efetivo e da oferta.

Em 2024–2025, a subida dos preços dos bovinos pagos à produção e a melhoria das condições forrageiras e de custos de rações sinalizaram uma inversão clara de tendência: o setor iniciou uma resposta gradual do lado da oferta, visível no aumento de fêmeas retidas para reprodução e na recuperação parcial de efetivos. Ainda assim, a natureza do ciclo produtivo bovino implica que a recuperação da produção nacional seja lenta, abrindo espaço para que o ajustamento do mercado se faça, em grande medida, através do comércio externo — em particular via importações de carne e, em paralelo, exportações de animais vivos.

Este artigo analisa as tendências mais recentes do mercado da carne de bovino em Portugal, estruturando a discussão em seis dimensões: evolução do efetivo; produção e abates; comércio externo; preços; elasticidade da procura; e consequências económicas e perspetivas estratégicas para a fileira.



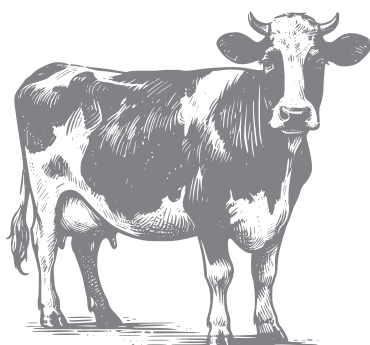
## 2. Evolução do efetivo bovino

### Estrutura territorial e especialização funcional

A distribuição regional do efetivo evidencia uma segmentação funcional da produção:

- **Alentejo:** concentra cerca de **2/3 das vacas aleitantes**, refletindo especialização em sistemas extensivos de aptidão para carne.
- **Entre Douro e Minho e Açores:** elevada importância nos bovinos jovens (vitelos e novilhos (as) >1 ano), associada ao efetivo leiteiro e à disponibilidade de animais para recria/engorda.
- **Ribatejo e Oeste:** região com papel relevante na engorda/acabamento apesar de deter apenas cerca de **7% do efetivo reprodutor**, apresenta aproximadamente **o dobro da proporção dos bovinos jovens**, sinalizando uma orientação para acabamento e ligação a jusante (matadouros/indústria/distribuição).

Esta estrutura implica que os choques (climáticos e de custos) e os sinais de mercado não se transmitem de forma homogénea: regiões produtoras de vitelos são mais sensíveis à disponibilidade forrageira e ao custo de manutenção do efetivo reprodutor, enquanto regiões de engorda respondem mais rapidamente via decisões de compra/venda e intensificação alimentar.



### Contração pós 2020 e recomposição em 2025

Após 2020 verificou-se uma diminuição transversal em todas as classes etárias, com **redução total aproximada de 9%** até 2024, atingindo particularmente as **novilhas (>2 anos)** (cerca de **-34%**). Este padrão é tecnicamente relevante porque as novilhas mais velhas representam a fase final de reposição antes de entrarem plenamente no efetivo reprodutor: a sua redução constitui um indicador avançado de compressão da oferta futura.

Em 2025 observou-se uma inversão parcial, com crescimento do efetivo total de **+2%** face a 2024, salientando-se a classe de **bovinos fêmeas 1-2 anos (+14%)**, consistente com um mecanismo de reconstituição de efetivo (maior retenção e recria) antes de se traduzir em aumento de abate e oferta de carne.

### Efetivo reprodutor: indicador crítico de capacidade produtiva

Entre 2020 e 2024, o efetivo reprodutor registou:

- **Vacas aleitantes:** cerca de **-9%**
- **Novilhas >2 anos:** cerca de **-38%**
- **Novilhas 1-2 anos:** cerca de **-7%**

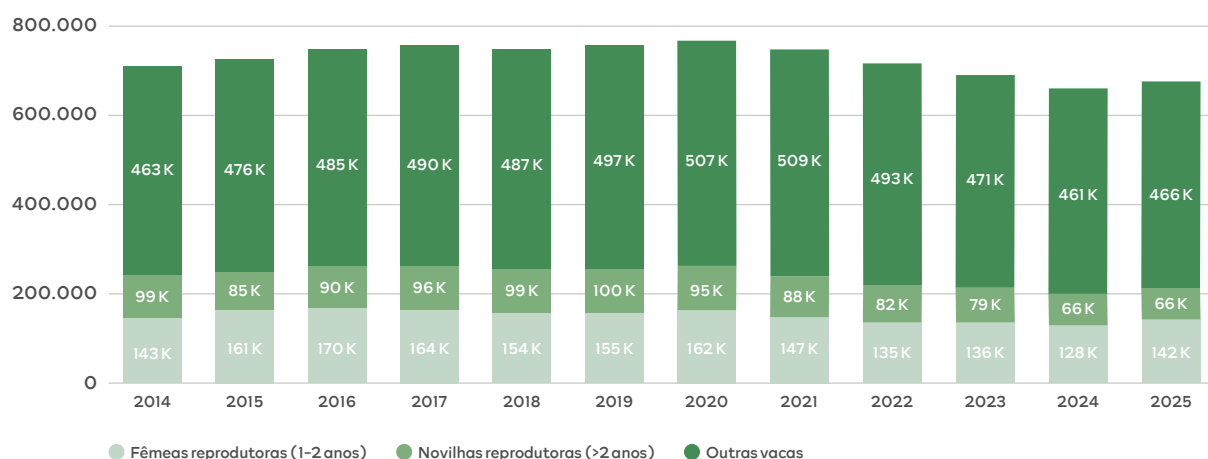
A leitura económica é direta: perante subida rápida dos custos (quer pela escassez de pastagens e forragens quer pelos sobrecustos dos alimentos compostos), a redução do efetivo reprodutor constitui uma decisão de ajuste de curto prazo para preservar liquidez e reduzir necessidade de inputs. Contudo, esta decisão desloca a curva de oferta para a esquerda durante vários anos, uma vez que a reposição reprodutiva não é instantânea.



Em 2025, a mudança de sinal é inequívoca:

- **Vacas aleitantes: +1%** (cerca de **+5 mil vacas**)
- **Novilhas reprodutoras 1–2 anos: +11%** (cerca de **+14 mil animais**)

### Efetivo de bovinos fêmeas reprodutoras, em Portugal, por idade (n.º de animais)



Fonte: INE, Inquérito aos efetivos animais, 2025

Mais relevante do que o aumento absoluto é o comportamento de seleção entre abate e retenção:

- No **Continente**, apesar de o total de novilhas ter subido (**+14%**), as novilhas para abate diminuíram (**-8%**), evidenciando **retenção para reprodução**.
- No **Alentejo**, o comportamento é ainda mais pronunciado: novilhas reprodutoras **+28%** e novilhas para abate **-40%**, configurando uma estratégia explícita de reconstituição do efetivo reprodutor em região nuclear para a produção extensiva.

### Efetivo para abate: compressão 2020–2024 e recuperação seletiva em 2025

O efetivo destinado a abate registou um decréscimo de cerca de **-24% entre 2020 e 2024**, transversal às classes de idade. Em 2025 ocorre inversão em todas as classes, com exceção das **novilhas 1–2 anos** (compatível com retenção reprodutiva). O maior aumento observa-se nos **vitelos (<1 ano): +18%**.

A existência de um padrão semelhante em Espanha sugere que parte desta dinâmica se enquadra num choque regional (Ibérico) — nomeadamente climático e de custos — que afetou simultaneamente a disponibilidade de animais e a estrutura de abastecimento.



### 3. Produção e abates

#### Dinâmica dos abates e peso total

No período 2019–2022 verificou-se aumento dos abates quer em número (+9%) quer em peso total (+12,7%). Em 2023 ocorreu recuo, seguido de recuperação em 2024. A categoria “vitelos” constitui exceção, mantendo trajetória descendente em 2024 (-8%), o que pode estar associado a menor disponibilidade de animais jovens, alterações de manejo (retenção para recria) e/ou a exportação de animais vivos.

Em 2025, o número de abates desceu -7,45% face ao ano anterior. Tecnicamente, a interpretação não deve ser centrada na procura uma vez que a quebra foi compensada por aumento de importações de carne (peças e carcaças) de magnitude semelhante, sugerindo que o consumo foi sustentado por substituição de oferta doméstica por oferta externa.

#### Evolução do peso médio por carcaça

O peso médio por carcaça aumentou em todos os tipos de animais abatidos, cerca de +8% entre 2014 e 2024. Este indicador pode ser lido como:

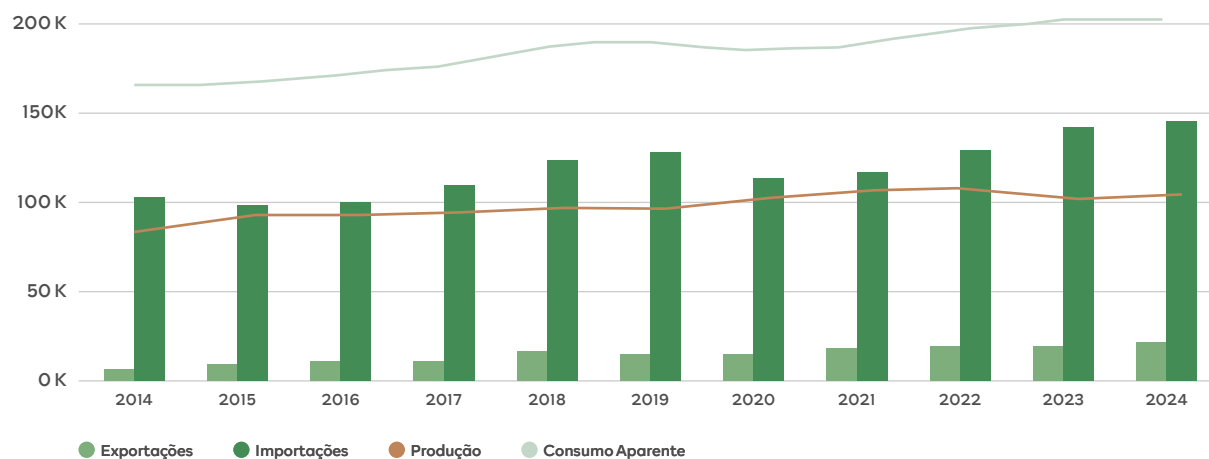
- sinal de progresso técnico (genética, eficiência alimentar, manejo), e/ou
- resposta económica para diluir custos fixos e maximizar receita por cabeça num contexto de custos variáveis elevados (alimentação, energia).

### 4. Comércio externo

#### Défice estrutural e papel do comércio na estabilização do mercado

Portugal é estruturalmente deficitário em carne bovina: a produção representa cerca de 50% do consumo. O mercado depende, portanto, de importações para assegurar continuidade de abastecimento, sobretudo quando a oferta doméstica contrai por redução de efetivo ou quebra de abates.

#### Produção, importação, exportação e consumo aparente (em toneladas)



Fonte: INE, Estatísticas do comércio internacional de bens, 2025



## Exportações: mudança estrutural pós 2015

A partir de 2015, as exportações de **animais vivos** tornam-se relevantes, superando **150 M€** em 2025. Entre 2014 e 2024 cresceram cerca de **+427% em valor**. Após quebra em 2023 e 2024, em 2025 retomam níveis elevados, próximos dos máximos de 2022. Os animais exportados são predominantemente engordados (**>300 kg/cabeça**), implicando que parte do valor acrescentado da engorda/acabamento é capturado internamente.

As exportações de **carne** cresceram fortemente nos quatro últimos anos, atingindo em 2025 um valor semelhante ao das exportações de animais vivos (cerca de **150 M€**). Esta convergência sugere capacidade exportadora em segmentos específicos, mesmo num contexto de défice global, reforçando a hipótese de especialização por cortes, destinos e/ou produtos valorizados.

## Importações: aceleração desde 2020 e dependência de Espanha

As importações, predominantemente de carne, aumentaram significativamente desde 2020 (**+132%**), atingindo cerca de **1200 M€ em 2025**, com as seguintes características.

**Origem:** Espanha representa cerca de **2/3** da quantidade importada (kg) na média 2020–2025. Os **Países Baixos** surgem em segundo lugar (cerca de **15%** em média), admitindo-se a possibilidade de reexportações. Países extracomunitários representam menos de 3% da quantidade total importada.

**Tipologia:** As importações aumentaram de forma quase contínua e são atualmente cerca de **5 vezes** superiores a 2020–2021. A maioria entra **fresca ou refrigerada**. A **carne congelada** representa cerca de **20%** das importações,

mas foi a componente com maior crescimento recente. O **Mercosul** representa, em 2025, cerca de **5%** da carne refrigerada importada e **12%** da carne congelada, enquadrado por um regime pautal com **direitos ad valorem (12,8%)** acrescido de **direitos específicos** (intervalo indicado de **141,4 a 304,1 €/ton**, conforme o produto).

**Tipo de peça:** O crescimento ocorre sobretudo em **carcaças e carne não desossada**, segmentos onde não se observam importações provenientes do Mercosul. A **carne desossada** representa cerca de **50% do valor** das importações e mantém uma estabilidade próxima de **600 M€**. As **miudezas**, apesar de menor peso no total, registam forte crescimento no último ano, o que pode refletir ajustamentos de procura por componentes de menor preço relativo e/ou maior integração industrial.

## 5. Evolução dos preços

### Preços na produção

A subida dos preços nos mercados de produção torna-se evidente a partir de 2024, atingindo atualmente cerca do **dobro** dos valores observados entre 2019 e 2023. O enquadramento é consistente com a redução de efetivos e menor disponibilidade de animais para abate), agravado por custos de produção elevados no período de seca e disrupções.

### Preços à entrada do matadouro

À entrada do matadouro, os preços já de janeiro e fevereiro de 2026 apresentam um nível claramente superior ao de 2025 e à média 2023–2025. O acréscimo indicado é superior a **150 €/100 kg**, correspondendo a mais de



**30%**, transversal a vários tipos de animais. Este diferencial sugere escassez relativa da oferta e reforço do poder de negociação dos produtores em segmentos com menor disponibilidade, ainda que com potencial compressão de margens a jusante (indústria e distribuição) se a transmissão for incompleta. De facto, esta subida à entrada do matadouro é significativamente que a duplicação dos preços pagos à produção.

### Portugal versus UE e Espanha

Portugal apresenta preços no matadouro inferiores à média da UE e inferiores aos de Espanha (de onde provêm cerca de 2/3 das importações), o que é coerente com a integração do mercado ibérico e com a função de Espanha como fornecedor dominante. Em sentido inverso, os preços de vitelos vivos à produção em Portugal são ligeiramente superiores aos de Espanha e à média UE, o que pode refletir especificidades de oferta (disponibilidade relativa de vitelos, estrutura de sistemas e procura interna por recria/engorda).

### Preço no consumidor e risco de substituição

Ao nível do consumidor, os preços mantêm tendência ascendente, situando se, no início de 2026, cerca de **+38% acima de 2023** ou seja acompanhando a subida dos preços á entrada da produção, o que significa que a possibilidade de transmitir até ao consumidor o este acréscimo de preço. Em mercados com elevada substituíbilidade entre espécies (bovino versus suíno e aves) e forte sensibilidade da grande distribuição ao preço e promoção, esta valorização tende a amplificar a substituição por proteínas concorrentes, a não ser que exista diferenciação percebida e disponibilidade a pagar em segmentos específicos.

## 6. Elasticidade da procura e comportamento do mercado

### Perfil de procura: elasticidade preço, elasticidade rendimento e nível de substituição

A procura global de carne é descrita como relativamente inelástica ao preço, mas com diferenças relevantes entre espécies. A carne de bovino apresenta maior sensibilidade ao preço e ao rendimento do que a de suíno e aves. Existe elevada substituíbilidade entre carnes, predominantemente via preço, e forte influência do rendimento disponível. Acresce tratar se de um mercado maduro, com crescimento limitado em volume, e com pressão estrutural por preço e promoção na grande distribuição.

Do ponto de vista económico, isto implica:

- em fases de subida acentuada do preço do bovino, a contração de quantidade tende a ser relativamente maior do que noutras carnes;
- em contexto de desaceleração do rendimento real, a carne de bovino é tipicamente mais penalizada, por maior elasticidade rendimento volatilidade a montante (preço ao produtor) pode amplificar instabilidade a jusante, se o retalho responder com substituição de produtos e promoções em proteínas alternativas.





### Estratégias de mitigação: reduzir elasticidade preço por diferenciação

A apresentação explicita o princípio: **quanto mais diferenciado o produto, menor a elasticidade preço**. Entre as opções concretas com implicação comercial incluem-se:

- DOP / IGP
- Raças autóctones
- Modo de produção extensivo (quando traduzido em atributos valorizados)
- Sustentabilidade certificada
- Bem estar animal

A diferenciação atua por dois canais: (i) reduz a comparabilidade direta com carne importada "standard" e (ii) permite segmentação e captura de prémios de preço, mitigando a concorrência baseada exclusivamente em preço.

## 7. Consequências económicas e perspetivas futuras

### Estrutura económica da exploração e resposta em duas fases

A estrutura base é apresentada como:

- **Lucro = Proveitos - Custos**
- **Proveitos = Quantidade × Preço + Ajudas**
- **Custos = Alimentação + Outros custos (mão de obra, energia, máquinas/equipamentos, terra, etc.)**

A resposta ao choque de custos ocorreu em duas fases:

1. **Fase de compressão:** subida de custos (alimentação) conduziu a redução da produção e de efetivos.

2. **Fase de reação ao preço** (atual):

valorização dos preços pagos à produção induziu retenção reprodutiva e tentativa de expansão gradual da oferta.

Do ponto de vista dinâmico, a assimetria é determinante: a redução de efetivo pode ser relativamente rápida, mas a reconstituição do efetivo reprodutor é lenta (com um ciclo nunca inferior a 2,5 anos desde a retenção das novilhas e a sua recria, passando pela gestação e engorda do novo animal até à entrada no matadouro) e de difícil reversibilidade, (com a venda dos efetivos adultos e o abandono da atividade) implicando que o impacto sobre a oferta (e sobre o preço) persista por vários anos.

### Desfasamento temporal: o "tempo biológico" como restrição à oferta

O aumento de produção tem um tempo de reação tipicamente superior a **2,5 anos**, devido à sequência reprodutiva "guardar vitelas → criar novilhas → vacas → vitelos → novilhos". Assim, mesmo com sinais de preço favoráveis, o mercado ajusta primeiro via:

- retenção de fêmeas (reduz oferta de abate no curto prazo), e
- importações (garantem abastecimento imediato).

Esta mecânica explica por que razão a subida do preço pode coexistir com aumento de importações: a oferta doméstica não consegue responder com elasticidade suficiente no curto prazo, e o défice estrutural obriga a recorrer ao exterior.



### Intensificação e função de produção: risco de perda de eficiência técnica

Com o aumento do valor de venda dos animais, torna-se economicamente admissível suportar custos mais elevados, materializando-se em:

- maior aquisição de alimentos compostos e forragens conservadas (fenos, silagens);
- aumento da produção de forragens para corte e conservação;
- aumento de encabeçamentos (CN/ha de superfície forrageira);
- venda de animais mais pesados;
- escolhas genéticas orientadas, eventualmente com trade offs de performance.

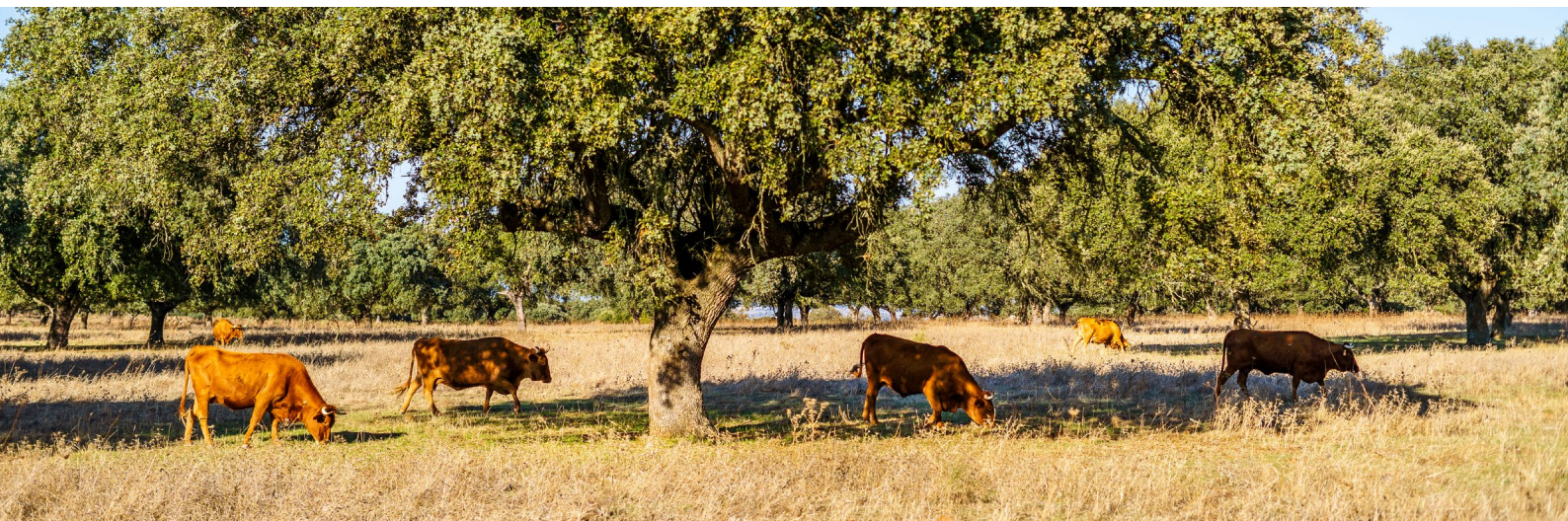
Contudo, a intensificação via inputs pode reduzir a eficiência técnica se os ganhos marginais de produção não compensarem o aumento do custo marginal. Esta é uma área crítica para gestão: em ciclos de preços altos, a tendência para "comprar produção" com mais fatores pode degradar produtividade total se não for acompanhada por melhoria técnica (manejo reprodutivo, sanidade, genética e forragens).

Um conjunto de condições recentes que favorecem a inversão de ciclo: (i) os preços de matérias primas para alimentos compostos regressaram ao nível de 2020 e (ii) outono de 2024 e 2025 foram favoráveis à produção forrageira.

### Progresso técnico: fertilidade como alavanca de oferta

A relação entre animais <1 ano e número de vacas aumentou cerca de **+15% entre 2020 e 2025**, sinalizando melhoria do desempenho reprodutivo médio. Ainda assim, existe margem: o indicador equivale aproximadamente a **1 parto por vaca a cada 16,5 meses**, o que sugere potencial de otimização (intervalo entre partos, taxa de prenhez, mortalidade neonatal).

Em termos de competitividade, ganhos de fertilidade são particularmente eficientes porque aumentam produção por vaca (output) sem exigirem expansão proporcional de fatores fixos.





### **Economias de escala e custos unitários**

O aumento de dimensão pode reduzir custos unitários por via da diluição de custos fixos (mão de obra, máquinas/equipamentos, cercas/mangas). Esta lógica é relevante num contexto em que **2/3 dos animais reprodutores** se concentram em regiões com massa crítica (Alentejo e Ribatejo), onde existe potencial para reorganização produtiva, logística e de serviços partilhados.

### **Implicações de mercado: margens, importações e capacidade instalada**

Em síntese, o aumento de preços constitui estímulo para expandir produção, mas com resposta lenta; entretanto, a compressão de margens na carne nacional tende a induzir maior recurso à importação. Existe ainda o risco de redução do volume de trabalho em segmentos a jusante (abate/desmancha), com impacto potencial na qualidade e no custo do serviço se a capacidade instalada ficar subutilizada.

Do ponto de vista estratégico, a fileira enfrenta um problema estrutural: mercado maduro, sensível ao preço, com crescente procura de peças menos nobres e concorrência de substitutos. Embora as estatísticas oficiais (INE) apontem para um crescimento de 1.5 kg /per capita desde 2020, chegando a 2025 com 22.1 kg/hab/ano, as tendências futuras apontadas incluem estagnação do consumo per capita, por substituição de outras carnes, outro tipo de alimentos e, crescimento do segmento premium, maior substituição por proteínas alternativas, volatilidade acrescida no preço ao produtor e aumento da elasticidade no longo prazo por efeitos geracionais e pressões ambientais.



## 8. Conclusões

1. Entre 2020 e 2024, o efetivo bovino contraiu cerca de **-9%**, com redução particularmente relevante nas classes de reposição (novilhas >2 anos), condicionando a oferta futura.
2. Em 2025 observa-se inversão parcial (**+2%** no efetivo total) e evidência forte de retenção reprodutiva: vacas aleitantes **+1% (+5 mil)** e novilhas reprodutoras 1–2 anos **+11% (+14 mil)**, com redução de novilhas para abate.
3. O efetivo para abate caiu **-24% (2020–2024)**; em 2025 recuperou em quase todas as classes, com exceção coerente com retenção reprodutiva, e com aumento de vitelos **+18%**.
4. O mercado é estruturalmente deficitário (produção **50%** do consumo), pelo que o comércio externo determina o equilíbrio: importações de carne aumentaram **+132% desde 2020**, atingindo **1 200 M€** em 2025, com dependência de **Espanha (~2/3 em kg)**.
5. Os preços aceleraram a partir de 2024; à entrada do matadouro o acréscimo é **>150 €/100 kg (>30%)** face a 2025/média 2023–25; no consumidor, os preços situam-se **+38% face a 2023**, elevando o risco de substituição por outras carnes.
6. A resposta da oferta é intrinsecamente lenta (**>2,5 anos**) devido ao ciclo reprodutivo, pelo que a reconstituição de produção nacional exige continuidade de sinais de preço e estabilidade de custos/forragens.
7. A competitividade futura exige combinação de: (i) progresso técnico (fertilidade e eficiência), (ii) economias de escala/organização, e (iii) **diferenciação** (DOP/IGP, raças autóctones, extensivo valorizado, sustentabilidade e bem-estar) para reduzir elasticidade preço e reforçar resistência à concorrência da carne importada.

